

Seminário Michel Foucault

Observatório de Segurança Pública e Relações Comunitárias da Unesp

Grupo de Estudos Saberes, Subjetividades e Poderes

RESUMO

“Os massacres se tornaram vitais”: a chave biopolítica de Michel Foucault para compreensão dos massacres e genocídios

Renato de Oliveira Pereira (UNESP)

Luís Antônio Francisco de Souza (UNESP)

O objetivo desta comunicação é contribuir para pensar sobre a terrível persistência dos massacres e dos genocídios na sociedade contemporânea. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto pós-Segunda Guerra Mundial foi considerado um avanço no direito internacional e trouxe consigo a expectativa de resolução pacífica dos conflitos entre os Estados e de proteção dos direitos humanos. Contudo, as violações de direitos só aumentaram desde então. O atual genocídio na Palestina demonstra como, mais uma vez, o direito internacional é falho em proteger justamente as populações mais vulneráveis. Mas por que as práticas genocidas persistem? A perspectiva biopolítica de Foucault permite-nos compreender que, longe de ser um acidente histórico, a ocorrência de massacres e genocídios é parte da estratégia de governo das populações. Ao discutir a passagem do poder soberano de “fazer morrer” para um poder disciplinar de “fazer viver”, Foucault aponta que a sociedade disciplinar visa docilizar e normalizar os corpos que eles possam ser úteis no interior do aparato produtivo capitalista (Foucault, 2002; Duarte, 2010). Reduzidos ao seu aspecto biológico, as pessoas deixam de ser vistas como sujeitos de direito para serem vistas como meros corpos, e estes, quando aglomerados em massa, como uma população. Para governar a população, é necessário mais do que a disciplina, que trata dos corpos de forma individual (Souza, 2011). Assim, Foucault aponta para o nascimento da biopolítica, baseada em ciências como a estatística e higiene pública. Na gestão da população, aqueles que são tidos como descartáveis são, no limite, eliminados. A justificativa para o extermínio é oferecida pelo racismo, o qual estabelece o corte entre “nós e eles”, entre “aqueles que merecem viver e aqueles que merecem morrer” (Foucault, 2005). Assim, as guerras e também os massacres, em vez de serem feitos em nome de um governante, são feitos em prol da necessidade de viver (Foucault, 1999, p. 128). O paroxismo do estado biopolítico foi representado pelo nazismo, como afirma Foucault na aula de 17 de março de 1976 do curso *Em defesa da sociedade*. Mas, longe de estar restrito a este período histórico, a biopolítica continua a operar no seio das democracias liberais e, cada vez mais, os estados têm mostrado o seu poder de matar e produzir massacres e genocídios. Por isso, autores que seguem a trilha de Foucault adotam termos que enfatizam a produção da morte, como tanatospolítica (Agamben, 2002) e necropolítica

(Mbembe, 2018), o que revela a fecundidade da perspectiva biopolítica para compreensão do poder de destruir.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- DUARTE, André. Foucault e o biopoder: da disciplina à biopolítica. In: *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 (p. 204-234).
- FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. e. Rio de Janeiro: Graal, 1999 (p. 125-148).
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Aula do dia 17 de março de 1976. In: *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. e. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (p. 285-316).
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Disciplina, biopoder e governo: contribuições de Michel Foucault para uma analítica da modernidade. In: SOUZA, L. F; SABATINE, T. T; MAGALHÃES, B. R (org). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011 (p. 193-216).